

# A industrialização da zona colonial italiana: um estudo de caso da indústria têxtil do nordeste do Rio Grande do Sul

Vania Herédia (UCS, Brasil)

O Lanifício São Pedro, atual Cooperativa Têxtil Galópolis Ltda, Cootegal, foi a tecelagem mais antiga e de maior expressão da zona colonial italiana. Como primeira tecelagem de vulto dessa região acarretou o seu desenvolvimento industrial e comercial, criando um mercado local e regional para os seus produtos, demonstrando a garra e a força de seus administradores. A atuação do lanifício fortalece a idéia de que a indústria têxtil foi um dos setores principais da industrialização gaúcha.

A história da Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro apresentou na sua trajetória cinco períodos distintos. O primeiro iniciou-se com a cooperativa têxtil formada pelos imigrantes italianos, de 1894 a 1906 quando foi adquirida por Hércules Galló. O segundo período se estendeu a partir dessa data e trata do período onde ocorreu a sociedade entre Hércules Galló e os Chaves e Almeida, o desenvolvimento da indústria têxtil, o início da vila operária, a morte de Galló e a venda da ações da família aos Chaves e Irmãos. O terceiro período compreende os anos de 1928 a 1979 durante a qual é formada a Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro, período de expansão da indústria têxtil na região colonial, provocada por uma série de elementos que se analisará no decorrer do trabalho. Em 1979, a Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro foi vendida para o grupo de Kalil Sehbe que a incorporou e a administrou até 1999 quando a indústria passou ao controle dos operários da mesma forma como havia sido criada a 102 anos atrás.

Houve neste estudo uma tentativa de reconstruir a trajetória sócio-econômica do Lanifício São Pedro, indústria representativa no processo econômico de Caxias do Sul pela forma como se inseriu no processo capitalista brasileiro, reforçando a idéia da importância de histórias de empresas como estudos de história econômica.

## 1. Antecedentes da Companhia Lanifício São Pedro S.A.

Segundo a Comissão de Terras, responsável pela distribuição e demarcação dos lotes coloniais desse sítio, chegaram a esse local, "os colonos que foram recebidos no barracão da 3ª légua e remetidos dali diretamente para os lotes rurais destas léguas"<sup>1</sup>, a partir de 1876. Os colonos imigrantes tinham a árdua tarefa de desbravar seu próprio lote colonial tornando-o habitável e pronto para o cultivo da terra, e se dedicar a criação de animais.

Segundo a história dessa localidade chamada Galópolis, foram 56 famílias que inicialmente se estabeleceram nesses lotes. Apesar dos terrenos acidentados, as famílias cuidaram da terra adquirida. Segundo o recenseamento feito em 1890, os lotes variavam de 152 metros a 862 metros quadrados"<sup>2</sup>. No princípio, essa localidade compreendia parte dos lotes coloniais 11,12,13, do Travessão Barata Goés da Quarta Légua, expandindo-se mais tarde, através dos lotes 70,71,72 do

---

<sup>1</sup> ADAMI, João Spadari. História de Caxias do Sul-1864-1962. Caxias do Sul,: Ed.São Miguel, 1963, p.22.

<sup>2</sup> *Recenseamento de 1890* In: Arquivo Municipal da Prefeitura de Caxias do Sul, Caxias do Sul,1890.

Travessão Santa Rita na Terceira Légua e parte dos lotes da Quinta Légua, nº 43,44,45 do Travessão Solferino <sup>3</sup>.

Esse local, devido a sua situação geográfica foi chamado inicialmente de Vale del Profondo, mais tarde Cascata da Quarta Légua, Desvio do Morro, Le Machine, passando a se chamar Galópolis, muito tempo mais tarde em homenagem a Hércules Galló, imigrante italiano que contribuiu para o desenvolvimento desse povoado <sup>4</sup>.

Os imigrantes operários chegados nesse local em 1891, não encontraram o mesmo tipo de lotes dos primeiros imigrantes. Os lotes livres, quinze anos depois do início da imigração subsidiada pela Província, significavam os menos propícios para a agricultura, devido aos montes e ao tipo de terreno com pedras. Entretanto se dedicaram a agricultura como forma inicial de subsistência, plantando o milho para a produção de seu precioso alimento que era a polenta <sup>5</sup>. Apesar da situação geográfica desses lotes, plantaram ainda trigo, uva e frutas.

O Lanifício foi fundado por um grupo de imigrantes italianos que se uniram com imigrantes que já moravam no local, formando uma cooperativa <sup>6</sup>, com capital inicial de L.100.000 liras. Esse grupo de imigrantes italianos, proveniente da cidade de Schio, Província de Vicenza, em 8 de março de 1891 haviam partido da Itália e eram operários expulsos do grande Lanifício Rossi <sup>7</sup>,

---

<sup>3</sup> Cartório de Registro de Imóveis de Caxias do Sul, Primeira Zona, Livro N.3.1896; *Atas da Constituição da Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro, 1928* consta os lotes iniciais do distrito de Galópolis; Daniel, Valquíria et.all. *Histórico das Escolas de Galópolis, Caxias do Sul, 1986*. Mimeografado.p.6.

<sup>4</sup> Hércules Galló nasceu em 1869 a Crocemosso, na região do Piemonte e faleceu em Galópolis no ano de 1921. Deixou o lanifício paterno em Vallemosso, emigrando para o Rio de Janeiro, no Brasil, onde trabalhou num cotonifício. Tempos depois, foi contratado pela Indústria de Fiação e Tecidos de Porto Alegre, onde desempenhou a função de químico-tintureiro.

<sup>5</sup> A base da alimentação da classe camponesa é a polenta feita de farinha de milho. " O uso dos complementos alimentares aumentam nas famílias dos colonos e dos camponeses proprietários e diminuem nos operários causuais, que com frequência são obrigados a se adaptar a pouca polenta com pouco sal" In: *Atti della Giunta per la Inquieta Agraria e sulle condizioni della classe agricola*.Volume IV.Fasciculo I. *Le condizioni dei contadini nel Veneto*. Parte Prima della Relazione del Commissario Emilio Morpurgo, Sulla XI. Forzani, Roma,1884.

<sup>6</sup> Transcrevo parte de uma carta escrita por um dos colonos imigrantes da região de Trento que se tornou sócio da Cooperativa de Tecidos na sua fundação. A carta é transcrita segundo o seu original em dialeto, descrevendo o valor investido nas máquinas, a grandeza da construção feita pelos sócios e a perspectiva que tinham de ter o seu próprio negócio pensando nos filho como futuro trabalho. "Dunque quando io mi sono amalatto aveva un bel pocco di soldi in casa ho pensatto io di fare? avendo io un amico un certo Mincatto Giovanni e questo è nativo di SCHIO ed è statto sempre nelle macchine di tessitto di lana d'un certo Rossi, pure di Schio, abbiamo fatta in N.28 soci. Abbiamo mandato in Europa a comprare una macchina e posta qua ci è venuta a costare 28.000 fiorini ed ora l'abbiamo messa in opera ed è distante da me 1 1/2 ora, la va ad qua, la casa lo fatta io, cioè sono stato capo d'uomini soltanto a segnare ed i altri a mettere a posto, la casa é de 40 m. di larghezza e 40 di lunghezza con 38 finestre di 120 per 160 cm.ma si aveste da vedere adesso il concorso della popolazione per vedere questa macchina é un sproposito, fino ieri l'altro sono pure statto segrettario di questa canceleria, ed adeso mi hanno dimeso da questo impiego e mi hanno meso capo della comissione la sittura si chiama(Novità) e la società si chiama Tevere cioè il nome del fiume che pasa per Roma, entro 2 mesi spero che si dara principio al lavoro di tessitura...."Carta escrita por Giuseppe Formolo, aos seus pais em Italia no dia 29/03/1897, cedida pela Prof.Marisa Formolo Della Vecchia, Arquivo de familia.

<sup>7</sup> O Lanifício Rossi tornou-se sociedade por ações em 1872, um complexo industrial da vanguarda da indústria laniera italiana. Antes da Unificação italian, Schio tinha a maior concentração industrial da região de Vicenza, agrupando 12.000 fusos, em comparação com os 1.00 de Thiene dos 1300 de

decorrente de um protesto gerado pela redução de 20% dos seus salários. João Spadari Adami conta em seu livro "História de Caxias do Sul", o episódio que desencadeou a vinda desses operários do Lanifício Rossi, finalizando esse evento com a prisão de seus organizadores após o grande protesto<sup>8</sup>. Afirmo que esses operários " indignados com tal diminuição de seus ordenados e com a parcialidade do governo de seu país, a favor da classe patronal, emigraram para o Brasil, 308 daqueles tecelões grevistas", a 28 de março de 1891, a bordo do vapor "Adria"<sup>9</sup>. Essa leva de imigrantes se distribuiu em várias regiões do Brasil. Muitos permaneceram em São Paulo; todavia muitos desses operários chegaram a Caxias do Sul onde se instalaram definitivamente. Conta-se ainda sobre esse importante acontecimento, que dá origem a esse estudo, que esses emigrantes italianos operários provenientes de Schio, da Província de Vicenza, após o protesto salarial, "foram reunidos no pátio da fábrica onde o "Conde Rossi" havia cercado o local com guardas, perdoando os casados mas aos solteiros deu-lhes duas alternativas: o gallera o Brasile " <sup>10</sup>.

Nos primeiros tempos que se instalaram nos lotes coloniais determinados pela Comissão de Colonização, dedicaram-se a agricultura até o momento em que perceberam que esta atividade não lhes oferecia o lucro imaginado, devido à situação geográfica montanhosa, resolvendo esses colonos imigrantes reunir um capital para a construção de um lanifício. Portanto, em 1894, a idéia de fundar um lanifício semelhante àquele deixado na Itália começou a surgir entre esse grupo de emigrantes que se uniu a alguns colonos que já moravam no local <sup>11</sup>. Conforme atas registradas na Intendência de Caxias, um dos colonos chamado Curtulo, faz um pedido ao Intendente para transformar uma picada privada em estrada, que permitiria ligar Galópolis à Caxias. O Desvio do Morro deveria próprio partir do Lanifício em direção de Galópolis, descendo pela 4ª légua e encontrando-se 3 a 4 km depois de Nova Palmira com a Estrada Rio Branco <sup>12</sup>.

O sonho de fundar um lanifício se concretizou quando José Berno retornou da antiga pátria com vários teares, comprados em uma tecelagem italiana que havia falido. Essa compra junto

---

Valdagno. A metade dos fusos de Schio pertenciam aos Rossi". Esta indústria nasceu de uma empresa familiar em 1817, a Sociedade de Francisco Rossi". In: *Lanerrossi Ieri*, Milano, 1967.

<sup>8</sup> Uma parte do discurso de Alessandro Rossi aos operários da seção de Pieve em 1890 quando da greve dos tecelões." Una diecina di vostri compagni, che oramai avete potuto conoscere, ispirati di fuori, hanno indotti e intimiditi altri 136 tessitori con essi, Martedì scorso 8 luglio, a intimidare lo sciopero, levando a forza le correggie dai telai della sala maggiore. Non furono a tempo di farlo per altri 48 tessitori della sala minore, ma la fabbrica, così stremata di tessitori, ha dovuto chiudersi a mezzogiorno, come è avvenuto a Schio nel 1873 e come avverrebbe sempre in casi eguali. Così 1105 persone, filatori, tintori, apparecchiatori, uomini e donne, rimasero senza lavoro cinque giorni, cioè, a tutto sabato 12 corrente, con una perdita totale di salari di oltre L.12.5000: pane di tante innocenti famiglie. Come gli scioperanti non avevano nessuna ragione di sciopero, così non trovarono nessun seguito dagli altri operai del Lanificio Rossi. Quei pochi sconsigliati vollero darsi lo spettacolo dello sciopero per fini insensati, maligni, crudeli; e lo spettacolo lo avete veduto; anche i soldati hanno fatti accorrere a questa pacifica Schio, malgrado le mie rimostranze alla R. Autorità, costretta a fare il dover suo. Non hanno inquinata per questo la bandiera del Lanificio Rossi; hanno operato il male a se stessi ed a voi....Schio, 14 luglio 1890 Alessandro Rossi In: *LANERROSSI Ieri* pubblicato a cura della Lanerrossi S.p.A. in occasione del 150. Anniversario della Fondazione, Milano, 1967, V.I.p.120.

<sup>9</sup> ADAMI, João Spadari. História de Caxias do Sul-1864-1962., Caxias do Sul: Paulinas, 1970.p.377

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> ADAMI, João Spadari.Op. Cit..1963. p.262.

<sup>12</sup> Ibid.

com o desejo de construir na nova terra uma atividade econômica independente dos vínculos patronais, permitiu a esses imigrantes formar a base para o lanifício.

A tecelagem, organizada sob forma de cooperativa, teve um futuro que nenhum daqueles imigrantes poderiam imaginar. Entretanto, seus sonhos passaram a ser movidos de ora em diante pelo ritmo dos teares. Construíram um pequeno barracão no local escolhido pelos fundadores, próximo ao Arroio Pinhal, local identificado pelos imigrantes como ideal pela situação propícia para a produção de energia necessária para os teares de madeira. Utilizavam portanto, o canal existente que trazia a água, através de uma rosta construída por eles mesmos, que lhes era útil no serviço de lavagem e tinturaria.

Os fundadores do lanifício e da futura vila operária foram: José Comerlato, João Batista Mincatto, José Berno, Ângelo Basso, José Casa, Ottávio Curtulo, Pedro Sbabo, Jacinto Vial, João Sartor, Batista Tisot e José Bolfe<sup>13</sup>. Entretanto, a cooperativa era formada de vinte e oito sócios e se localizava na Quinta Léguas. A fábrica foi inaugurada em 29 de janeiro de 1898. A fiação era feita a mão e desenvolvida pelas mulheres em casa.

Segundo esses operários, o local era ideal e as condições favoreciam o investimento. Mão-de-obra disponível, energia gratuita, vontade de vencer pelo trabalho por conta e como pano de fundo, a política positivista do governo da Província que incentivava e estimulava a industrialização do Rio Grande do Sul, até então conhecida na economia nacional, principalmente pela importância de seu setor primário.

Apresentando uma série de dificuldades, essa cooperativa que produzia especificamente panos de lã, funcionou até 1904, quando foi comprada por Hércules Gallo<sup>14</sup>. Hércules Galló trazia consigo a experiência do lanifício paterno de Valle Mosse, na Província do Piemonte e ao emigrar para o Brasil, havia já trabalhado de simples operário a técnico de cotonifício, na Fiação e Tecidos Porto Alegrense, como especialista em químico-tintureiro. Mais tarde Galló passou a viajar para a Companhia dos Chaves e acaba comprando parte da Cooperativa Têxtil chamada "Società Tevere" em 1904, dos seus antigos fundadores<sup>15</sup>.

Conforme Relatório da Secretaria do Interior do Estado do Rio Grande do Sul em 1910, a Companhia de Tecidos de Lã, de Hércules Galló, como foi chamada, encontrava-se entre as maiores indústrias têxteis do Estado<sup>16</sup>. Hércules Galló reorganizou a antiga cooperativa, cadastrando-a na Junta Comercial de Porto Alegre com um capital de 30 contos de réis. Administrou-a até 1912, quando foi feita a fusão com a firma Chaves & Almeida, um dos clientes da Companhia de Tecidos de Lã, que atuava no ramo do comércio varejista e atacadista desde 1866 no Rio Grande do Sul. Em

---

<sup>13</sup>Segundo o Contrato de Compra e Venda dessa Cooperativa constam os seguintes sócios: Berno, Giuseppe; Tisotti, Giovanni Batista; Bolfe, Giuseppe; Cantergiani, Henrique; Cortese, Bortolo; Mendes Totta, Valdevino; Sartor, Giovanni; Rech, Giovanni; Formolo, Giuseppe; Cesa, Maria; Curtulo, Luiz; Basso, Angelo; Vial, Jacinto; Mincato, Giovanni; Casa, Giuseppe; Stragliotto, Giovanni; Dalmedico, Maria; Zardin, Abramo; Formighieri, Francisco e Comerlato, Giuseppe.

<sup>14</sup>Deustchz Zeitung, Porto Alegre, 14 de agosto de 1913. In: Jornal "O Cosmopolita", Caxias do Sul, Ano II, 22 de janeiro de 1903.

<sup>15</sup>De acordo com contrato da Società Tevere, Op.Cit.

<sup>16</sup>Relatório da Secretaria do Interior do Estado do Rio Grande do Sul, 1912 In: REICHEL, Heloisa. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul, 1910-1930*. Porto Alegre, IEL/Mercado Aberto, 1978, p.26.

uma das viagens de Hércules Galló a Europa, encontrou em Paris, Pedro Chaves Barcellos, de onde surgiu a idéia da fusão. Nessa mesma viagem Hércules Galló aproveitou para providenciar novo maquinário para a nova empresa.

A proposta dessa sociedade se efetivou dando origem a 13 de agosto 1913 a firma Chaves Irmãos & Cia. A Casa Comercial dos Chaves & Almeida havia sido fundada a 20 de outubro de 1866, por Antonio Chaves Barcellos e Francisco José de Almeida, com capital de R\$.26:000\$000, explorando inicialmente o ramo de fazendas e miudezas. A nova sociedade contava com os sócios da firma Chaves & Almeida que eram: Pedro Chaves Barcellos, Paulino d'Almeida Chaves Barcellos e Comendador Antonio Chaves Barcellos e da parte da Companhia de Tecidos de Lã, Hercules Gallo .

Na primavera de 1911, começaram a articular as tentativas de fusão <sup>17</sup> para fundar a nova fábrica, na qual já possuíam 45 dos mais modernos teares. A concorrência para a instalação da turbina hidro-elétrica é vencida pela empresa Aliança do Sul Cia Nacional, de Porto Alegre, vencedora pelo baixo custo, simplicidade de instalação, segurança e manutenção, e pela responsabilidade que assumia quanto à parte mecânica e elétrica. Essa turbina era de procedência suíça, marca "Escher Wyss" e o gerador era de procedência alemã, marca Siemens, com capacidade de 130 KVA, suficiente para acionar todo o equipamento e fornecer energia elétrica à população<sup>18</sup>.

A inauguração do Lanifício foi festejada através de um grande baile onde era demonstrada a importância da fusão Chaves / Gallo para a vila de Galópolis. Apesar da fábrica velha, ter sido o início da indústria têxtil na região colonial, a fusão representava a ampliação nos meios de produção e conseqüentemente melhoria nas condições de vida na vila. Com essa fusão, o Lanifício adquiriu novos maquinários e um aumento de capital considerável, de 700:000\$000<sup>19</sup>, que permitiu a compra de equipamento de produção energética, além de máquinas para a fiação cardada e acabamento. Nessa época foram contratados vários mestres tecelões italianos para trabalharem na fábrica entre eles Matteo Gianella, que mais tarde se destacaria como um dos industriais do ramo têxtil.

Desta forma, em 1916 a fábrica contava com um maquinário orçado em "500:000\$000, 180 operários, destes 90 estrangeiros e 90 nacionais, sendo 140 homens e 40 mulheres com salários de 3\$500 a 7\$000 e 2\$300 a 3\$500. O valor médio da produção era de 800:000\$000 e o valor da matéria-prima era de 320:000\$000" <sup>20</sup>. Em fevereiro de 1917, os sócios da Sociedade de Tecidos Tevere e Sociedade Novità, vendem o acervo social da antiga cooperativa italiana, constando os

---

<sup>17</sup>"No dia 30 de outubro de 1911, em Paris, no Hotel Deux Mondes", foi decidido entre Pedro Chaves Barcellos e Hércules Galló, a fundação da fábrica de Tecidos São Pedro sob a firma Chaves Irmãos, com o capital de 700 contos. O contrato da fábrica foi assinado no dia 9 de junho de 1912. Em 4 de março de 1912 colocaram as primeiras pedras dos edifícios" In: Dados retirados dos Arquivos do Lanifício São Pedro, *Retrospectiva Histórica*, Galópolis, 1913.

<sup>18</sup> Relatório do Arquivo do Lanifício São Pedro. Anexo II. *História do Lanifício S.Pedro*.p.1.

<sup>19</sup> Relatório da Secretaria do Interior do Estado, 1916.

<sup>20</sup> Conforme dados encontrados nos relatórios da Secretaria do Interior e Exterior do Estado do Rio Grande do Sul, de 1916.O capital inicial era de 20:000\$000 e atual de 700:000\$000, quantia presumível do capital investido pelos Irmãos Chaves Barcellos em 1912.

terrenos dessa mesma sociedade, máquinas, para a Companhia Chaves & Irmãos pela importância de Rs.12:000\$000<sup>21</sup>.

Durante a administração do Lanifício por parte de Hércules Galló, muito foi feito pela localidade, com o objetivo de promover a prosperidade dessa grande indústria da zona colonial. Foram construídas casas pela fábrica para abrigar os operários, as quais eram alugadas simbolicamente, permitindo a manutenção da força de trabalho no local, tendo em vista a dificuldade de transporte coletivo, a distância de Caxias, a falta de estradas viáveis e os gastos de locomoção. Os mestres contratados por Galló na Itália quando chegavam ao local já encontravam uma moradia organizada para habitar. Essa preocupação de Hércules Galló era proveniente da própria experiência como imigrante italiano. Havia toda uma preocupação de que esses operários especializados se sentissem como na antiga terra. Por outro lado, a manutenção das relações de parentesco com acesso à terra e ao trabalho fabril foram um dos elementos do crescimento da vila.

No período em que Hércules Galló viajou a Europa em busca do filho ferido que estava participando da Primeira Guerra Mundial, a fábrica foi gerenciada por Orestes Manfro, ocorrendo que no retorno dessa viagem é pensada a separação entre os Chaves e a família Galló, o que não ocorreu devido à morte precipitada desse industrialista em Porto Alegre. " Quando Gallo fez a proposta para os Chaves tinha já em mente planos para a nova fábrica sendo que o futuro terreno já estava demarcado. A proposta feita aos Chaves era de 1:000\$000 sendo que Gallo acabou vendendo a sua parte pelo dobro, o que permitiria por seus planos logo em ação se não fosse acometido de uma súbita doença que o levou a morte"<sup>22</sup>.

Com a morte de Galló, assumiu a gerência do Lanifício de forma definitiva, Orestes Manfro, antigo funcionário, sendo sua gestão um período próspero, marcado pela aquisição de novas máquinas. Em 1925, o lanifício adquirira "uma fiação penteado completa de procedência francesa da Societé Alsacienne de Const. Mecaniques de Mulhouse, uma ampliação da fiação cardada com 3 cardas polonesas e 2 filatórios Self-acting da Inglaterra, uma lavanderia Leviathan para a lavagem de Lã, de fabricação alemã, vários teares, um motor a gás pobre, marca Crossley com gerador marca Siemens de 150 KVA"<sup>23</sup>. Para o funcionamento da nova maquinaria foi feita uma nova rede elétrica que garantia mesmo na época de estiagem o funcionamento do moderno equipamento.

Em 1928, a família Chaves Barcelos tornou-se a única proprietária do Lanifício, após a compra das ações da família Gallo, denominando-se Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro.

## **2. Formação da Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro**

---

<sup>21</sup> Cópia do Contrato de Compra e Venda da Societá de Tecidos Tevere e Societá Novità da Quinta Léguas de Caxias a firma Chaves & Irmãos, 4 de fevereiro de 1917. Arquivo Lanifício São Pedro S.A. Galópolis.

<sup>22</sup> Depoimento do Sr. João Vial III, do Sr. Waldemar Sirena, novembro de 1989 a autora.

<sup>23</sup> Arquivo do Lanifício São Pedro S.A. Anexo II, *História do Lanifício S. Pedro*. p.1. Correspondência do Sr. Orestes Manfro a Sr. Ismael Chaves Barcellos a 2 de março de 1926 In: Livros de Correspondência da Fábrica, Galópolis, Ano 1926, p.184-5.

A Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro foi comprada pelos seguintes sócios: Ismael Chaves Barcellos, Antônio Chaves Barcellos Filho, Plínio D'Almeida Chaves Figueiredo, Luiz Pinto Chaves Barcellos, Pedro Chaves Garcia, José Chaves Barcellos, Frederico Guilherme Ludwig e Rodolfo Goelzer. Na data da formação da Sociedade Anônima, o valor de cada ação versava em Rs 200:000 e o capital social era de Rs.4.500:000\$000, todo integralizado e dividido em 22.500 ações <sup>24</sup>.

Quando a Companhia Chaves Irmãos avaliou os seus bens para a venda e a formação da nova Companhia possuía "uma área de quatrocentos e oitenta e quatro mil e duzentos e quarenta e três metros quadrados, uma cascata no valor de Rs.100:000\$000, um conjunto de edifícios, depósitos para água, obras de arte, calçamentos, linha de trolley no valor de Rs.1.100:000\$000, maquinarias importadas, encanamentos para água e vapor, instalações elétricas para luz e força no valor de Rs.3.200:000\$000, casa para o gerente, casas para os operários, móveis, utensílios, automóveis, carreta de quatro rodas e oito animais" <sup>25</sup>.

A primeira diretoria eleita <sup>26</sup> foi composta dos seguintes diretores que eram os três sócios da Companhia Chaves Irmãos: Antônio Chaves Barcellos Filho, Ismael Chaves Barcellos e Plínio D'Almeida Chaves Figueiredo. Faziam parte do Conselho Fiscal o Dr.Oscar Bastian Pinto, Generoso Vieira da Rosa, Fábio d'Araujo e de seus suplentes Raul Azevedo Telscher Bastian, José Bertaso e Antônio Monteiro Martinez <sup>27</sup>. Em fevereiro de 1932, modificaram os estatutos passando a quatro o número de diretores sendo composta a nova diretoria do Comendador Antônio Chaves Barcellos Filho, Ismael Chaves Barcellos, Luis Pinto Chaves Barcellos e José Chaves Barcellos. Um ano mais tarde, com a morte do Comendador Antônio Chaves Barcellos, que desde o "início da Companhia vinha prestando seus relevantes serviços à mesma, sempre com a maior dedicação" <sup>28</sup>, a diretoria ficou constituída dos seguintes sócios: Ismael Chaves Barcellos, Luiz Pinto Chaves Barcellos, José Chaves Barcellos e Pedro Chaves Garcia .

Em julho de 1937, foram alterados os estatutos da fábrica a fim de criarem " uma carteira bancária com uma parte do Fundo de Reserva na quantia de 100:000\$000 para constituir um fundo especial da secção bancária da Companhia, com objetivo principal de estimular e amparar a economia entre os empregados"<sup>29</sup>. Essa iniciativa refletirá a política social adotada pela Companhia nesse período, em que houve toda uma preocupação de manter o quadro de empregados, através da ampliação e solidificação da vila operária em Galópolis, apesar da crise que atravessava a indústria têxtil brasileira, a qual somente foi superada através da abertura de novos mercados com a eclosão da segunda guerra mundial.

Durante os dez primeiros anos da Sociedade Anônima, o Lanifício manteve inalterado o capital social tendo o primeiro grande aumento ocorrido em 24 de janeiro de 1938, justificado pela sua diretoria

---

<sup>24</sup>Livro de Atas da Constituição da Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro, Porto Alegre, L.1.1928, p.13.

<sup>25</sup>Conforme laudo feito pelo Dr.Celeste Gobbato, Armando Luiz Antunes e Alberto Weingartner em maio de 1928, lbem.p14.

<sup>26</sup> Ibid.p.13.Junta Comercial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 25 de maio de 1928.

<sup>27</sup> Ibid. p.15.

<sup>28</sup> Ibid. p. 23.

<sup>29</sup> Op. Cit.1937.L.I.p.30.

devido a "alta da matéria-prima que obrigou a Companhia a recorrer a créditos bancários, tornando o seu débito assaz avultado" <sup>30</sup>. O aumento nessa data foi para Rs.5.500:000\$000 dividido em 27.5000 ações.

É interessante observar que os estatutos da Companhia refletem a organização da estrutura de produção, sua administração, como o objeto da sua atividade econômica. No Capítulo 1, art.4º, desses estatutos, encontra-se a finalidade primeira dessa unidade de produção e no capítulo VI, art.23, encontra-se a explicitação dos lucros que, no decorrer desse estudo, tornou-se imprescindível examinar como elemento formador dos fundos de capital que permitiriam o aumento do mesmo no decorrer de sua evolução. O objetivo principal era: "explorar a fiação e tecelagem de Lã e de outras matérias primas, podendo para esse fim, anexar-se a outras entidades e efetuar todas as operações comerciais, inerentes a sua atividade" <sup>31</sup>.

A sociedade por ações, tinha nascido no Brasil com traços típicos de empresa familiar, ou de "empresa que envolvia a família ampliada, associados e amigos próximos"<sup>32</sup>, visto que durante o Governo Imperial para formar uma sociedade anônima era necessário uma série de garantias por parte dos acionistas ao governo para a sua liberação, exigidas pelo Código Comercial Brasileiro, de 1850, e a lei de 22 de agosto de 1860 <sup>33</sup>. Dessa forma, através dos estatutos dessas sociedades, controlava-se e evitava a participação de pessoas desconhecidas, sem conhecimento prévio do fato. Como refere Stanley Stein, em relação as sociedades anônimas, os estatutos de cada sociedade era uma forma de "manter um sistema eqüitativo de transferência de ações e garantir a estabilidade da administração da companhia" <sup>34</sup>.

Essa Companhia em 1933 passa a ser gerenciada por João Laner Spinato, em substituição a seu cunhado assassinado Orestes Manfro. Sua gestão é marcada por um período de desenvolvimento social, tanto para a fábrica como para a vila, como será visto no capítulo dedicado a força de trabalho e a vila operária. No período de gerência de João Laner Spinato foram fundados a Cooperativa de Consumo, o Círculo Operário Ismael Chaves Barcelos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, o Colégio Chaves & Irmãos, o Ambulatório e a Farmácia, a cancha de Bochas, a Escola Particular Dona Manuela Chaves. Tanto na história do lanifício como da vila operária, a presença desse gerente deixou marcas indeléveis que até hoje são lembradas nas histórias dos operários. Evidencia-se uma política paternalista, centrada na sua figura, que caracteriza o período de sua administração.

No ano de 1937, ano em que terminam as medidas restritivas de importação de maquinários estrangeiros, impostas pelo governo brasileiro, com o fim de proteger as grandes industriais têxteis, como foi analisado no capítulo anterior, o Lanifício produziu "309.588 metros de tecidos, 58,394 Kgs de fios e 41.201 unidades de artefactos de tecidos", o que refletia uma considerável produção. Possuía nesse ano, 77 teares, 2.770 fusos de fio cardado, 3.150 fusos de fio penteado, 870 fusos de fio retorcido, 1 máquina de lavagem de lã, 2 estufas, 26 tanques de tinturaria

---

<sup>30</sup> Ibid., p.31.

<sup>31</sup> Op.Cit., L.II, 1941. p.3-5.

<sup>32</sup> STEIN, Stanley. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil 1880/1950*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p.42.

<sup>33</sup> Ibid.,p.144-5.

e 24 unidades de acabamentos de tecidos. Dispunha de 519 empregados com uma folha de pagamento de Rs.100:000\$000. Funcionava 22 horas e 1/2 por dia em três turnos. Utilizava matéria-prima nacional <sup>35</sup>.

Na década de quarenta, a política social brasileira sofreu uma série de alterações principalmente no que se referia ao mercado de trabalho. As leis trabalhistas passaram a regular as relações de trabalho nas grandes empresas e esse quadro alterou gradativamente a postura das empresas que sempre haviam tido um livre mercado nas relações do capital / trabalho. Essas medidas que foram sendo implantadas sob tutela do Estado, foram sendo absorvidas por parte das indústrias, visto que essas leis sociais não incluíam o trabalhador rural. A partir das mesmas, os operários poderiam de alguma forma, ou sob os parâmetros estabelecidos pela lei, exigirem certos direitos e reclamarem certas condições de trabalho. Vê-se que os trabalhadores em Galópolis reuniram-se em torno de uma Associação Profissional de Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem que levaria a criação do mais antigo sindicato distrital do Brasil, o Sindicato dos Mestres, Contramestres e Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Galópolis.

Esse sindicato criado em 1942, caracterizou-se em várias gestões como possuidor de uma política conciliadora, atrelado à administração da fábrica, desempenhando um papel importante na expansão da vila operária. Esse sindicato, que por lei deveria estar vinculado ao sindicato de Caxias do Sul, mantém-se independente e com forte atuação na política salarial do lanifício. Houve sempre uma forte presença dos operários no sindicato apesar de haverem sofrido pressões visíveis por parte da fábrica.

Durante o período da guerra, a fábrica foi considerada de "interesse nacional" e conseqüentemente houve um aumento notável na produção. O ritmo de trabalho aumentou como aumentou o número de empregados. Em 1944, o capital social foi elevado consideravelmente passando de CR\$5.500.000,00 para CR\$9.350.000,00 <sup>36</sup>.

É importante salientar que de 1940 a 1945, há uma grande modificação na estrutura tributária brasileira, visto que o governo havia substituído o imposto de importação pelo imposto de renda, pelo fato de o primeiro ser improdutivo naquele momento. Havia um controle maior do Estado sobre a produção das indústrias, da renda e do capital como um arrecadamento maior da parte das grandes indústrias que antes pagavam a taxa quando importavam tecnologia. Esse imposto, após o imposto de consumo, passou a ser uma excelente fonte de arrecadação federal. Nessa fase, o Governo, preocupado com a reposição do equipamento industrial, utilizado em excesso nesse período da guerra, criou um certificado de equipamento, que era um certificado nominativo e rendia juros de 3% ao ano, sendo possíveis os mesmos, serem utilizados em moeda estrangeira caso o seu portador quisesse comprar máquinas para reequipar sua indústria. Ao mesmo tempo, criou um imposto sobre lucros extraordinários que "a empresa poderia deixar de pagar, caso aplicasse uma

---

<sup>34</sup> Ibid., p.43.

<sup>35</sup> Dados extraídos do Registro Industrial emitido pela Companhia Lanifício São Pedro para o Departamento Nacional de Indústria e Comércio, Decreto-Lei n.281 de 18/02/1938.

<sup>36</sup> Segundo a Assembléia Geral Ordinária, realizada em 30/03/1944 sob o apoio do art.113 do Decreto-Lei n.2627 de 26 /09/1940.O total de ações integralizado era de 46.750 ações, In: Livro de Atas das Assembléias Gerais. Op. Cit., p.9.

importância igual ao dobro do imposto devido em "certificados de equipamentos"<sup>37</sup>, o que é conveniente para as grandes empresas. Com essa medida, estipulou uma reserva para importação de equipamento. Porém, as limitações de importações de maquinárias, devido à guerra, afetou a reposição de máquinas, que vinha ocorrendo na década de vinte e início de trinta nas indústrias. Esses dados são importantes pois em 1945, ocorreu um grande incêndio no lanifício que destruiu praticamente toda a secção da fiação cardado e houve a necessidade de aquisição de novas maquinárias. Devido ao prestígio do presidente da Companhia, Ismael Chaves Barcellos<sup>38</sup> frente as autoridades federais, teve a fábrica permissão de importar maquinários dos Estados Unidos, no período em que estavam totalmente proibidas as importações no país devido a guerra. Um outro elemento que influenciou na concessão de licença de importação, foi que o lanifício era um tradicional fornecedor de panos e cobertores militares do exército nacional, e, conseqüentemente devido a essa ligação comercial com as Forças Armadas, conseguiu encomendar novas maquinárias dos Estados Unidos, na época o único país que continuava a fabricar esse tipo de maquinária.

Com a aquisição dessas máquinas, a fábrica renovou e ampliou os meios de produção, colocando-se entre as dez maiores indústrias têxteis do Rio Grande do Sul. A importação dessas máquinas<sup>39</sup> permitiu a renovação do maquinário e propiciou a Companhia um crescimento seguro quando da introdução do fio sintético no mercado brasileiro.

A invasão dos fios sintéticos no mercado do país gerou graves problemas para a média e pequena indústria que trabalhavam com maquinário obsoleto, levando ao fechamento de vários desses estabelecimentos pela incapacidade de trabalharem com os novos fios, tão procurados no mercado.

Após o incêndio de várias secções da fábrica, como se pode constatar através das cartas do gerente a sua família, os empregados reconstruíram várias das máquinas queimadas, não deixando a fiação cardada sem produção. Segundo registro do João Laner Spinato, gerente da fábrica, no período de 1933 a 1968, "as máquinas da fiação que estavam destinadas ao triste e inglório fim de servirem de retalhos aos fornos da fundição, estão trabalhando e fazendo fio. Já hoje uma delas fez mais de 200 Kg de fio...(Graças) aos meus mestres e operários"<sup>40</sup>. Os operários estavam acostumados a reparar o maquinário e quando necessário reconstruir peças, visto que as máquinas eram estrangeiras e a espera da reposição de certas peças atrapalhavam o ritmo de produção. Devido a esse tipo de experiência foram capazes de reconstruir as máquinas queimadas, colocando-as outra vez em funcionamento.

---

<sup>37</sup> VILLELA, Annibal Villanova e SUZIGAN, Wilson. *Política do Governo e crescimento da economia brasileira, 1889-1945*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1973. p.222.

<sup>38</sup> "Os contatos pessoais do Comendador Ismael Chaves, fundador da Arrozzeira Brasileira, junto à firma Bunge & Borne dos Estados Unidos, que atualmente controla a SAMRIG, possibilitou, através de uma imensa troca de correspondência, a liberação das máquinas importadas. Era participante do Grupo Bunge & Born, em 1956, a Quimbrasil, empresa dedicada especialmente à importação de produtos químicos. Era desta empresa que o lanifício adquiria as anilinas para a tinturaria das lãs" In: BRITO, Maria Noemi Castilhos, 1978. p.23. In: *Monografia dos alunos da Escola Estadual de 1. Grau Ismael Chaves Barcellos*, mimeografado, Galópolis, s/d, p.37.

<sup>39</sup> O lanifício comprou uma moderna fiação cardada, fabricada pela "Whitin Machine Works" de Massachusetts, USA.

<sup>40</sup> Carta cedida do Arquivo da Família Spinato pela filha Therezinha Spinato Bissaco, escrita pelo gerente a família em 26 de julho de 1945.

Com a destruição da fiação cardada, novas máquinas foram compradas além da fiação cardada no exterior, como uma "turbina Khunert e um gerador Garbe Lahmeyer"<sup>41</sup>. Foi também adquirido no país, uma "Caldeira de fabricação Alemã, de marca Hartman, nova, sem uso, que veio suprir todas as necessidades" da produção<sup>42</sup>. Essa renovação dos maquinários permitiu ao lanifício postar-se como uma das indústrias têxteis modernas visto que durante o Estado Novo, houve uma medida administrativa que restringia às importações de maquinários<sup>43</sup>, o que levou um bom número de indústrias nacionais ao atraso tecnológico e a equipamentos obsoletos.

Em junho de 1945, houve uma proposta de aumento de capital no montante de CR\$1.650.000,00, todo ele integralizado e dividido em 55.000 ações<sup>44</sup>. Nesse ano, há uma mudança nos estatutos que alteram a organização administrativa sendo que a diretoria até então composta de quatro diretores passa a ser dirigida por um diretor-gerente e três diretores eleitos em Assembléia. Ismael Chaves Barcellos foi indicado para o cargo de diretor gerente, com a competência de todas as atribuições inerentes a compra e venda de matérias-primas, máquinas e pertences e mercadorias assim como estabelecer os preços de venda dos artigos de fabricação da Companhia<sup>45</sup>. Em setembro do mesmo ano, o capital social é novamente alterado para CR\$15.000.000,00, considerando o desenvolvimento dos negócios da Companhia, com a alta dos custos da matéria-prima, maquinismos e construções. O total de ações passou a 75.000 ações no valor de CR\$200,00 cada uma<sup>46</sup>.

O final da guerra confirma o período de prosperidade que vivenciou a indústria têxtil nacional. Afastado dos concorrentes estrangeiros, pode dominar o mercado nacional tendo como resultados lucros extraordinários. As empresas que tinham um bom Know-how puderam expandir-se sem grandes problemas como foi o caso do Lanifício São Pedro.

Em 30 de março de 1946, a diretoria da Companhia Lanifício São Pedro propôs a criação de um "Fundo de Construção de Casas para Operários"<sup>47</sup>, no sentido de ampliar as casas da vila operária. No final desse ano, houve um aumento de capital, considerando os valores dos maquinários e seguindo uma valorização do Ativo Imobiliário da Companhia, tendo como capital social CR\$20.000.000,00 todo integralizado e dividido em 100.000 ações no valor de CR\$200,00 cada uma<sup>48</sup>.

Dois anos mais tarde, com a grande alta no custo da matéria-prima e com o término das instalações de novos maquinários na fábrica, para a melhoria e aumento da produção, o atual capital social tornou-se insuficiente e foi proposto um aumento para CR\$25.000.000,00 através do Fundo de

---

<sup>41</sup> Arquivo Lanifício S.Pedro, Anexo II, História do Lanifício, Galópolis, 1977.p.2.

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Essa medida está detalhadamente explicada no capítulo sobre as condições da indústria têxtil no Brasil.

<sup>44</sup> Livro de Atas das Assembleias Gerais, op.cit.L.II.p.12.

<sup>45</sup> Ibid.,p.13.

<sup>46</sup> Ibid.,p.14.

<sup>47</sup> Ibid.,p.16.

<sup>48</sup> Ibid.,p.19.

Reserva da Companhia<sup>49</sup>. Em 1949 foram criados vários Fundos de Capital, que propiciou um ano mais tarde o aumento do capital social para CR\$28.000.000,00<sup>50</sup>.

Em 1952, ocorreu uma reavaliação das contas de "Imóveis" e de " Máquinas e Instalações " que figuram no Ativo da Companhia, decorrente da situação contábil generalizada em todo o país, das condições da moeda onde os próprios "poderes públicos, reconhecendo a impropriedade desta situação, promoveram, através da lei ur.1474, de 26 de novembro de 1951, a faculdade de serem realizados os necessários ajustamentos, fixando para tal, o período de um ano"<sup>51</sup>.

Devido a esses fatos, o capital social que era de CR\$28.000.000,00 passou para CR\$42.000.000,00 mediante a reavaliação dos Imóveis e das Máquinas e Instalações<sup>52</sup>. Nesse mesmo ano, houve um reajuste na política salarial, estabelecida pelo Governo Brasileiro, visto que durante a gestão do General Gaspar Dutra, os salários haviam se mantido inalterados, o que significava praticamente dez anos com salários fixos, e uma perda real no valor dos mesmos. Verificou-se, em junho de 1953, uma nova reavaliação de Imóveis e dos valores de Máquinas e Instalações, alterando o capital para o valor de CR\$50.000.000,00<sup>53</sup>. O aumento de capital foi justificado: " pelas dificuldades que ora se apresentam para a importação da nova maquinária, assim como o encarecimento gradual da mesma, não só pela questão cambial como ainda pelo alto custo nas suas respectivas origens " <sup>54</sup>.

Percebe-se uma nova política econômica no país onde o sistema financeiro começa apresentar uma visível preponderância tanto no setor secundário como no terciário. A política desenvolvimentista adotada no Governo de Juscelino Kubitschek, sustentada na idéia de modernização acelerada, cinquenta anos em cinco, imprime um forte ritmo no funcionamento das empresas instaladas. A força do capital demonstra a pressão nos mercados e percebe-se a entrada gradativa do capital estrangeiro. Os empréstimos bancários começam a ser mecanismos utilizados para acompanhar o clima de modernização apesar dos juros e de suas conseqüências.

Em 1955, a Assembléia Geral da Companhia autorizou a diretoria para realizar empréstimos e contratos de aberturas de créditos, bem como a permissão para a mesma dar em garantia penhor mercantil dos bens da Companhia, em virtude do aumento de todas as matérias-primas e também dos salários<sup>55</sup>. Em outubro de 1956, há uma alteração nos estatutos no que concerne a valorização das contas devido o aumento de capital para CR\$100.000.000,00, integralizado em 500.000 ações, com a reavaliação do ativo e incorporação de reservas, conforme a lei n.2.862 de 4 de setembro de 1956.

Nessa reavaliação, os " prédios e os terrenos" de Galópolis possuíam o valor de CR\$5.000.000,00, "Máquinas e Instalações", o valor de CR\$30.000.000,00 e " Fundo de Aumento de Capital " no valor de CR\$15.000.000,00<sup>56</sup>. Há uma valorização das maquinarias<sup>57</sup> no ano de 1946,

---

<sup>49</sup> Ibid.,p.25.

<sup>50</sup> Ibid.,p.30.

<sup>51</sup> Ibid.,p.37.

<sup>52</sup> Ibid.,p.37

<sup>53</sup> Ibid.,p.42.

<sup>54</sup> Ibid.,p.42.

<sup>55</sup> Ibid.,p.53.

<sup>56</sup> Ibid.,p.53-4.

devido a compra e instalação de novos equipamentos decorrentes do incêndio citado. Há também uma valorização dos terrenos de propriedade da Companhia. Até o ano de 1955 se registra que os aumentos de capitais eram provenientes dos fundos arrecadados pela produção da fábrica. Todavia, após essa data, a diretoria recebe permissão de seus sócios para penhorar os bens da Companhia caso haja necessidade de empréstimos para comprar matéria-prima e equilibrar a questão dos salários. Apesar dos fundos de reserva existentes e da distribuição de dividendos significativos, a alta de preços da matéria-prima foi tão elevada que desequilibrou o ritmo de prosperidade mantido por várias décadas.

Em janeiro de 1961, a diretoria da Companhia Lanifício São Pedro providenciou o aumento de capital, com recursos próprios para poder manter as operações econômicas que estava administrando. Esse aumento foi atribuído as dificuldades encontradas no período, devido a situação conjuntural, que afetava o país e que atingiam todas as empresas do gênero, sejam elas grandes ou pequenas<sup>57</sup>. Para haver o aumento de capital no montante de CR\$120.000.000,00, foram levadas em considerações as ações das outras companhias desse mesmo grupo, como a Cia. Industrial de Celulose e Papel Guaíba, o Jutifício Chaves S.A, e as ações dos sócios da Companhia. No ano de 1963, a Companhia alterou por duas vezes o seu capital social, atingindo o valor de CR\$230.000.000,00.

Nos anos seguintes, houve um crescimento no capital social, decorrente do reaproveitamento dos fundos existentes, provenientes do lucro líquido e da possibilidade de reavaliação das contas do Ativo Imobiliário<sup>58</sup>.

Nesse período de 1960 a 1963, a lã sofreu um aumento de 325%, passando de Cr\$5.800,00 a arroba para Cr\$25.000,00. A análise feita sobre "a indústria têxtil de lã no Rio Grande do Sul"<sup>60</sup> pelo Departamento de Estudos Econômicos do BRDE, indica como causas principais da alta dos preços da lã: "o processo inflacionário, a queda na produção nacional da lã, o incremento demográfico, a antecipação na procura da lã, em especial por parte dos industriais de outros Estados". Esse dado por si só demonstra a crise conjuntural que afetava as indústrias no país. O aumento de 325% da matéria-prima criava uma situação crítica para a indústria têxtil, à medida que esta substituía a disponibilidade do capital de giro para a compra de matéria-prima.

A partir de 1966, a Companhia Lanifício São Pedro S.A. foi gerenciada pelo João Pery Paternoster, permanecendo no cargo até 1974 quando foi substituído por Heinz Dieter Loges. Entretanto, as marcas da administração de João Spinato continuaram presentes no espaço fabril, demonstrando a dedicação dada ao Lanifício, a Galópolis e a muitos operários. João Pery Paternoster o substituiu junto ao trabalho de Raul Bastian. João Pery Paternoster era reconhecido por

---

<sup>57</sup> Op.Cit.Livro.2.1937-1956.

<sup>58</sup> Ibid., p.68.

<sup>59</sup> A reavaliação do Ativo Imobiliário estava baseada na Lei Ur.1474, de 26 de novembro de 1951, na Lei N. 2.862 de 4 de setembro de 1956, na Lei N.4357 de 16/07/1964 do Conselho Nacional de Economia, na Resolução 47.2 de 22/01/1965.

<sup>60</sup> *Estudos Preliminar da Indústria Têxtil da Lã no Rio Grande do Sul, estudos Industriais*, Departamento de Estudos Econômicos do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, Porto Alegre, 1963.p.4.

todos como um eficiente administrador, homem de justiça e de seriedade. Trabalhava na fábrica desde 1934, e havia dedicado praticamente toda a sua vida a ela e a Galópolis.

Na década de setenta, a empresa reequipou<sup>61</sup> e modernizou seu aparato produtivo<sup>62</sup>, através de um grande projeto aprovado pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial, órgão do Ministério da Indústria e Comércio, financiado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul-B.R.D.E., Caixa Econômica Federal com recursos do PIS. O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul<sup>63</sup>, havia sido criado na década de sessenta com a proposta de recuperar o atraso e o processo de marginalização que a Região Sul estava vivenciando economicamente, através de projetos de recuperação do parque industrial, de empresas afetadas pela situação crítica estrutural da economia brasileira. O setor têxtil era considerado por esse Banco de Desenvolvimento como área de prioridade, visto que as indústrias instaladas, possuíam um considerável maquinário, mercado, estrutura de comércio e necessitavam de auxílio com capital de giro.

Logo, o fato da Companhia conseguir comprar maquinário no momento em que a instabilidade cambial era acentuada devido à desvalorização do cruzeiro, levou-a a enfrentar os efeitos dos riscos da correção monetária, apesar do aval do BRDE. Com esse empréstimo, começou uma série de dívidas que não foram liquidadas no tempo viável, criando uma situação de dependência do sistema financeiro nacional e internacional. Nesse período, muitas empresas da região haviam feito empréstimos em moeda estrangeira, sofrendo as conseqüências da política cambial.

No início da década de setenta eram diretores da Companhia Lanifício São Pedro, José Chaves Barcellos, João Chaves Barcellos, Luiz Pinto Chaves Barcellos, Cláudio Roberto Chaves Barcellos e José Fernando Argenilau Chaves Barcellos. Em 1977, os diretores do Lanifício São Pedro contrataram um novo gerente Rui Fernando Boleo Cassapo, técnico têxtil para " ocupar o cargo de Superintendente Industrial e o Ayrton Rodrigues, para o cargo de gerente Administrativo" <sup>64</sup>. Nesse período, o Lanifício contava com 545 funcionários tendo como população dependente direta da fábrica 42%7 da população da vila, o que demonstra a importância desse estabelecimento industrial para a vila e mesmo para o município de Caxias do Sul. Em 1978, o capital social estava orçado em 25.000.000,00, dividido em 2.500.000 ações entre os acionistas<sup>65</sup>.

Em setembro de 1978, pela primeira vez na história do Lanifício, no final do exercício social, apresentou um prejuízo de Cr\$15.453.891,10, referente a "legislação do Imposto de Renda", à falta de capital de giro de que a empresa vinha sofrendo, levando-a a captar recursos financeiros a altos custos. A Companhia trabalhava com os seguintes bancos :Banco de Investimento Sul Brasileiro S/A, Banco Mercantil do Brasil S/A, Banco do Brasil S/A, Banco Francês e Italiano para América do Sul S/A e Banco Lar Brasileiro S/A.

---

<sup>61</sup> Livro de Atas das Assembléias Gerais.L.1 e 2

<sup>62</sup> Através desse financiamento, a fábrica adquiriu novos equipamentos.

<sup>63</sup> " O BRDE teve um papel de banco de fomento à atividade empresarial. Integrava os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs) do governo militar." Informações fornecidas pelo economista e técnico do BRDE S r. Ademar Wernier, 1991.

<sup>64</sup> Arquivo Lanifício São Pedro S.A. Anexo II. *História do Lanifício*. 1977. p.3.

<sup>65</sup> Arquivo Lanifício São Pedro. Anexo I. *Caracterização da Empresa*. 1979. p.1.

Nesse período, o Lanifício solicitou um empréstimo de aproximadamente quase do dobro de seu capital social, junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, por intermédio do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo-Sul(BRDE), com a finalidade de reequipar a indústria, gerar capital de giro e aumentar o ativo. O valor do empréstimo foi de Cr\$42.000.000,00. A hipoteca para esse empréstimo era a estrutura industrial da fábrica e o seu complexo residencial em Galópolis. As dívidas que se acumulavam nessa época eram referentes ao Banco Maisonave de Investimentos S/A., as taxas de I.P.I.,do I.C.M.,do PIS,do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, do INPS.e de vários fornecedores. Pela primeira vez, a Companhia delibera a sua capitalização, através de novas ações e conseqüentemente de novos sócios. Essas ações foram adquiridas pela firma Smiles Participações, Administração e Comercio Ltda em setembro de 1979, no valor de CRS60.000.000,00, sendo Cr\$ 18.000.000,00 a crédito. A partir da compra de ações por parte dessa nova empresa, o lanifício recomeça uma nova fase de sua existência, com novos acionistas e com outras perspectivas comerciais. As casas da vila operária começam a serem vendidas e o lanifício cresce com a incorporação de novos meios de produção de outras indústrias têxteis do Rio Grande do Sul, de propriedade do grupo comprador.

A crise econômica sofrida por muitas indústrias no Rio Grande do Sul, era reflexo do período de 70/80, em que o modelo desenvolvimentista, posto em prática durante mais de vinte anos apresentava uma série de desequilíbrios macro-econômicos, como as altas taxas de inflação e de recessão, que afetaram as finanças públicas estaduais e as empresas privadas. Em dezembro de 1979 e fevereiro de 1983, o Brasil sofreu duas maxidesvalorização cambiais que apesar de sua ineficiência na proposta de solução de seus problemas, levou a bancarrota um grande número de empresas que tinham no período saldos financeiros a serem pagos em moeda estrangeira. Analisando as contas das despesas financeiras<sup>66</sup>, observa-se que os investimentos feitos foram assumidos com altas taxas de juros, não conseguindo substituí-los por financiamentos a custos compatíveis, ou com o aumento de capital de giro, próprio pela subscrição dos acionistas. Esses empréstimos feitos com moeda estrangeira<sup>67</sup> eram dívidas contraídas em dólar e pagas em dólar, convertido na cotação do cruzeiro no dia do pagamento.

Como se pode observar na análise feita, a evolução do Capital da Companhia São Pedro S.A foi sempre crescente, refletindo a política econômica dos períodos analisados, suas crises e oscilações, seus benefícios nas fases de seu crescimento econômico. A política econômica brasileira sempre foi muito instável principalmente quando os mercados eram de grande vulto e dependentes de políticas fiscais e cambiais. Entretanto, essa grande empresa mostra o sucesso de sua trajetória por várias décadas, até a entrada no sistema financeiro nacional e internacional, sempre calcada no trabalho de tantos.

---

<sup>66</sup>"O faturamento declarado no empréstimo foi de CR\$196.820.000,00 e o passivo , incluindo o empréstimo foi de Cr\$ 53.691.377,78. A dívida existente representava 27% do faturamento. Porém, a necessidade deste saneamento era necessária devido aos altos juros que não permitiam quitá-la. Haviam empréstimos, incluídos no passivo que excediam a 20% em juros e correções monetárias" In: Relatório da Fábrica para O BRDE, 1979, Anexo 1.p.7.

<sup>67</sup> Livro de Atas das Assembléias Gerais da Companhia Lanifício S.Pedro S.A.1928-1979.

Em novembro de 1979, a Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro foi comprada pelo Grupo Sehbe que a incorporou ao Lanifício Sehbe S.A. Indústria e Exportação, no ano de 1983 e a dirigiu até a data de 8 de junho de 1999. O Grupo Sehbe ao adquirir o lanifício promoveu a venda de uma parte do patrimônio, facilitando a venda das moradias da vila operária aos funcionários ou mesmo a venda de lotes urbanos existentes em Galópolis<sup>68</sup>. Este grupo comprou também no ano de 1981, a tecelagem Sperb de Novo Hamburgo, fazendo uma grande fusão e aumentando consideravelmente o capital dessa fábrica e essencialmente o seu potencial produtivo. Porém por uma série de dificuldades enfrentadas no mercado na metade da década de 90, em março de 1999 os operários pararam de trabalhar em protesto dos salários atrasados. No dia 8 de junho de 1999, 40 dos 248 funcionários do ex-Lanifício Sehbe, formaram a Cooperativa Têxtil Galópolis Ltda, assumindo o controle da empresa, “repetindo o primeiro capítulo da história centenária da indústria que se confunde com a trajetória da própria comunidade”<sup>69</sup>.

### **3. Algumas considerações finais**

Através da retrospectiva histórica deste lanifício se constata nos diversos períodos enumerados, a inserção do estabelecimento no processo capitalista de produção, mantido e dirigido ao longo do século XX, por uma estrutura de tipo familiar-gerencial, atuante em ramos diversos no setor secundário e terciário. A passagem para sociedades anônimas não tirou o caráter de empresa familiar que envolvia a família ampliada incluindo parentes e amigos próximos. A tradicional família Chaves Barcellos do Rio Grande do Sul foi um exemplo de administração no que diz respeito ao desempenho e a funcionalidade do lanifício na região. Portanto, registrou-se que as empresas sob domínio de grupos familiares, independentemente da forma jurídica, grupos ligados em geral por laços de família, foram formas freqüentes de organização do capital. As organizações abertas que poderiam usar o mercado de capitais, capaz de proporcionar recursos para a expansão industrial, não eram freqüentes. Entretanto o fato histórico surpreendente é que após um século de atividades artesanais e industriais, a antiga cooperativa têxtil passa novamente para o controle de operários como no momento de sua criação e que estes acreditaram que teriam condições de mantê-la viva na história.

A acumulação de capital originada pelo setor comercial, permitiu a essa fábrica, ser proprietária de um valioso maquinário, modernizado e ampliado no passar das décadas, atuando sempre no mercado interno, ou seja, no mercado local, no regional e mesmo no nacional. A expansão da fábrica e aquisição de tecnologia importada atesta que o nível de acumulação de capital não era baixo, e que, não era extraído apenas do setor comercial mas principalmente da mais valia relativa referente aos salários e ao controle da força de trabalho.

Retrocedendo a história dessa empresa, o capital inicial investido na cooperativa era de origem das poupanças dos colonos imigrados, alguns que haviam trazido dinheiro da Itália, outros que haviam adquirido através do trabalho agrícola. A compra da maquinária inicial era de origem italiana, na qual um desses imigrantes havia se comprometido com os vinte e oito sócios de fazê-lo. A

---

<sup>68</sup> Folha de Hoje, Caxias do Sul, 1 989, p.7.

<sup>69</sup> DAL RI, Fabiane. Mão que tecem uma comunidade. In:Jornal Pionero, 8 de junho de 2000, p.1.

ampliação dessa fábrica num segundo momento, quando ocorre a fusão Chaves & Irmãos, é feita com capital comercial dos Chaves & Almeida e com o capital de Herculles Galló, proveniente do trabalho industrial e do comercial. O método para adquirir as máquinas nessa época era o proprietário da fábrica viajar ao estrangeiro para conhecer o material a ser adquirido, conhecer o seu funcionamento e ver as condições de compra através de um possível contrato de venda e principalmente as condições de entrega. Quando Giuseppe Berno, retornou da Itália com os teares, ele mesmo e seus companheiros montaram as máquinas pois as conheciam pela experiência que haviam tido no Lanifício Rossi. Hércules Galló conhecia bem o sistema de fiação e tecelagem pois seu pai havia sido proprietário de um lanifício no Piemonte e essa bagagem técnica lhe permitia um seguro conhecimento sobre o ramo. As máquinas da Chaves & Irmãos foram compradas por ele na Europa.

Quanto aos investimentos e financiamentos, a Companhia Lanifício São Pedro S.A. fez uso por várias vezes de empréstimos junto a instituições bancárias com fim de adquirir maquinário, matéria-prima e suprir questões referentes a salários. Os empréstimos na década de 40/50 foram sempre liquidados sem alterar a estabilidade e a prosperidade da Companhia. Na década de 60/70, em vigência o modelo econômico associado dependente, a Companhia continuou a captar recursos a juros elevados, prejudicando o equilíbrio conquistado por mais de trinta anos de atuação no mercado. Na década de setenta, como já foi dito anteriormente, a empresa solicitou dois grandes empréstimos ao BRDE com intuito de reequipar o equipamento industrial, incrementar o capital de giro e reativar o Ativo Imobiliário. As taxas de juro elevadas (12%) acrescidas da correção monetária do período levaram a um aumento sempre crescente da dívida. A empresa tinha de quatro a dez anos para amortizar a dívida, com uma carência de dois anos. A captação de recursos em financiadoras levava a pagar juros bem mais altos daqueles estabelecidos pelo crédito oficial.